

AS SOBRESSEVERAÇÕES EM NOTÍCIAS *ONLINE*

André William Alves de ASSIS¹
Sonia Aparecida Lopes BENITES²

RESUMO: As relações entre mídia e política numa dada conjuntura definem o que pode/deve circular: as notícias *online* enfrentam questões impostas por seu público-leitor e é pressionada por limitações de espaços gráficos, e pela agilidade exigida na (re)produção dos acontecimentos; a política, ao operar um discurso de ideias e poder, por meio de seus atores, propõe, reivindica, denuncia, obedecendo sempre a uma lógica que produz efeitos de verdade. Nesse contexto, partimos da hipótese de que, na circulação de notícias *online* sobre os debates políticos, ocorrem numerosas sobreasseverações, operações de destacamento de fragmentos de textos que, ao serem inseridos em outros contextos, sofrem, em maior ou menor grau, alterações de sentido. Para isso, nosso objeto de análise foi composto por dois diferentes gêneros: um debate político-televisivo e notícias *online* veiculadas por revistas e jornais na internet. A definição de nosso *corpus* direcionou a construção do referencial teórico em que nos ancoramos, especificamente os estudos de Dominique Maingueneau, em *Análise do Discurso*, o que nos permitiu recorrer a outros campos, como a Comunicação e a Linguística do Texto. Nossos resultados indicam a existência de diferentes manobras em torno da sobreasseveração. A reflexão proposta nos permite observar que as sobreasseverações, características do funcionamento discursivo-midiático, implicam a modificação de contextos/frases/pessoas gramaticais, fazendo com que os destaques movimentem, silenciem, incluam, invertam sentidos. São também responsáveis pela produção de pequenas frases, que encontram maior ou menor impacto na sociedade. Dessa forma, as sobreasseverações revelam um sujeito que age com e sobre a própria língua.

Palavras-chave: sobreasseveração, debate político, notícia *online*, manobras, funcionamento.

1. Considerações Iniciais

Particularmente durante as campanhas eleitorais, os pronunciamentos dos atores políticos não raro dão destaque a fragmentos enunciativos curtos e singulares, destinados à repetição. Estrategicamente situados em posições inicial ou final de texto ou de parágrafo, esses fragmentos, que condensam uma "tomada de posição", constituem uma modalidade de retomada de fala que difere da citação e a qual Maingueneau (2006, p. 77) denomina sobreasseveração. Nesse ato de destacar um enunciado, contrastando-o com os demais, o autor do texto-fonte formata o fragmento para uma virtual retomada citacional.

¹ Doutorando em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (POSLIN/UFMG). Bolsista FAPEMIG. E-mail: awaa@ufmg.br

² Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Professora de pós-graduação na Universidade Estadual de Maringá (PLE/UEM). E-mail: salbenites@gmail.com

Ao retomar essas sobreasseverações nos relatos de fala, os textos noticiosos apresentam, em maior ou menor grau, frequentes torções, alterações que sintetizam, ampliam, diminuem ou simplificam a enunciação-fonte. Nosso objeto de estudo neste trabalho são especificamente essas manobras discursivas, que também podem incidir sobre as citações em discurso direto ou indireto e se relacionam ao posicionamento do veículo que coloca em circulação o evento enunciativo.

Neste trabalho³, nossa proposta é pensar a configuração discursiva da retomada da sobreasseveração, a partir dos desdobramentos da Análise do Discurso (AD), que concebem: a) a língua como constitutivamente opaca e polissêmica e não como transparente; b) os sujeitos como clivados, e não unos; c) os textos como marcados pela heterogeneidade e pela alteridade constitutivas de todos os dizeres; d) a interpretação como um trabalho, já que as palavras não têm sentidos unívocos.

A pesquisa ancora-se, sobretudo, nos trabalhos de Dominique Maingueneau, autor que, há quase três décadas, dedica-se à formulação de uma série de conceitos articulados, com o objetivo de compor um corpo teórico que permita abordar o aparecimento e a circulação de uma grande diversidade de materiais linguísticos. Dentre esses conceitos, mencionamos: cena enunciativa, *ethos* discursivo, destacabilidade, aforização, sobreasseveração, “noções e categorias de análise que afetam a discursividade para além da relação direta entre a língua e a história” (SOUZA-E-SILVA, 2012, p. 99).

Sem deixar à margem da análise fatores históricos, que evidenciam o funcionamento dos diferentes discursos que emergem em nossa sociedade, enfatizamos, contudo, a importância do material linguístico que compõe as sobreasseverações, pois ignorá-lo implicaria deixar de explicar “os sentidos envolvidos, os fatores cruciais envolvidos em sua produção, as regras envolvidas em cada uma das interpretações, as estruturas alternativas que estão ‘escondidas’ em uma mesma sequência, etc.” (POSSENTI, 1996, p. 80).

Nesse contexto, propomos como objetivo geral deste artigo analisar o tratamento dado a sobreasseverações por notícias da mídia digital, a partir do confronto entre: a) os debates televisivos entre os candidatos presidenciais Dilma Rousseff e José Serra, veiculados pelas emissoras da Rede Bandeirantes (BAND) e Rede Globo (GLOBO), no

³ Este trabalho contempla algumas das manobras que envolvem as sobreasseverações, baseado na dissertação *Citações e sobreasseverações: o funcionamento da retomada de falas em notícias 'online'*, defendida por André William Alves de Assis, junto ao Programa de Pós-graduação em Letras (UEM), sob orientação de Sonia Aparecida Lopes Benites.

segundo turno das eleições para presidência do Brasil, do ano de 2010; b) notícias de jornais *online* sobre o referido debate, veiculadas pelos sites de Carta Capital, Correio Braziliense, Band, Época, UOL, Veja e Terra.

Pretendemos, especificamente: verificar se as sobreasseverações estão realmente no enunciado-fonte ou se foram a ele atribuídos pelo site que as relata e comenta; descrever os recursos utilizados para alterar as sobreasseverações nas notícias *online*, e, dessa forma, re-cenografar os debates político-televisivos.

2. Questões colocadas pela Análise do Discurso

A produção das notícias *online* que nos servem de *corpus* insere-se em toda uma maquinaria discursivo-midiática que envolve o universo da mídia e seus diversos campos. Essas notícias tratam, especificamente, da atribuição de um dizer a outrem, e sofrem a intervenção de fatores e atores diversos, todos eles sistemicamente relacionados.

A notícia *online*, produto dessa maquinaria, faz emergir questões em torno de problemáticas como as sobreasseverações, as cenas da enunciação, o *ethos* discursivo⁴, as aforizações e as pequenas frases. Nesta seção, discutimos algumas dessas problemáticas, que se relacionam ao funcionamento das sobreasseverações nas notícias *online*.

2.1 A noção de sobreasseveração

Em uma das temáticas mais recorrentes em sua obra recente, Maingueneau trata da destacabilidade enunciativa, propiciada por algumas características formais das enunciações (“são curtas, bem estruturadas, de modo a impressionar, a serem facilmente memorizáveis e reutilizáveis”); são, além disso, “pronunciadas com o *ethos* enfático conveniente” e generalizações “que enunciam um sentido completo” (2006a, pp.74-77).

Para tratar convenientemente da destacabilidade e de suas interfaces, aí incluída a sobreasseveração, necessitamos evocar os regimes enunciativos propostos

⁴ Não ignoramos os estudos sobre *ethos* retórico, realizados desde a antiguidade, nem tampouco o *ethos* retórico argumentativo, mas tratamos aqui do *ethos* discursivo, conforme abordado por Maingueneau.

pelo autor: o aforizante e o textualizante. No regime aforizante inserem-se os enunciados destacados, a aforização em que:

o enunciado pretende exprimir o pensamento de seu locutor, aquém de qualquer jogo de linguagem: nem, resposta, nem argumentação, nem narração, mas pensamento, dito, tese, proposição, afirmação soberana... (MAINGUENEAU, 2010, p. 14)

Nesse regime enunciativo, os enunciados tendem a ser mais homogêneos, sem fugas ou mudanças de planos enunciativos. O “aforizador” se expressa como sujeito autorizado, atualizando sempre o “memorável”, em retomadas que enunciam uma verdade, uma concepção de vida, uma doutrina, etc. Dessa forma, a enunciação aforizante se coloca além dos limites impostos por um gênero específico; ela é livre, solta, generalizante, solene, transita de um gênero para o outro sem prejuízo, carregando consigo um sentido mais ou menos estabilizado,

[...] não há posições correlativas, mas uma instância que fala a uma espécie de ‘auditório universal’ (Perelman), que não se reduz a um destinatário localmente especificado: a aforização institui uma cena de fala onde não há interação entre dois protagonistas colocados num mesmo plano. (MAINGUENEAU, 2010, p. 13)

Ao lado das aforizações, enunciados naturalmente "destacados", pertencentes ao regime aforizante, como as máximas, os provérbios e os slogans, que apresentam autonomia de funcionamento, Maingueneau (2010) identifica enunciados "destacáveis", isto é, passíveis de serem destacados de um discurso, devido a características como: a posição em que se encontram (final de um capítulo ou de uma obra, por exemplo); o sentido de definição ou generalização que lhe pode ser atribuído; a marca de uma operação metadiscursiva (algo como “em resumo...”, “para concluir...”); a forma sintética e singular. Pertencentes ao regime textualizante, esses enunciados resultam de uma modulação do próprio texto. São as chamadas sobreasseverações.

Os conceitos de sobreasseveração⁵ e aforização começaram ser delineados na obra "Cenas da Enunciação" (MAINGUENEAU, 2006), em um texto em que o autor parece estar construindo o raciocínio, elaborando a "teoria". No último parágrafo do

⁵ As discussões em torno da concepção de sobreasseveração não são pacíficas nem estão encerradas. O trabalho de edição típico do fechamento de página é visto por alguns como o lugar prototípico de sobreasseveração.

texto, ele chama a atenção para a distinção entre a lógica da sobreasseveração e a lógica da aforização:

Parece-nos preferível não confundir uma lógica de *sobreasseveração* - que faz aparecer uma sequência sobre um fundo textual - e uma lógica de *aforização* (para ser exato, um destaque aforizante), que implica um tipo de enunciação totalmente diferente, uma outra figura do enunciador e do co-enunciador, do estatuto pragmático do enunciado. (p. 90, grifo do autor)

Segundo o autor, ocorre sobreasseveração quando o próprio locutor do texto-fonte marca um trecho como destacável, de alguma maneira: por um conector, por uma reformulação ("dito de outra forma", "em suma"), por ser uma frase generalizante em posição final etc. Dependendo de sua circulação, esse elemento destacável pode tornar-se, posteriormente, destacado, transformando-se em aforização. Para tanto, teria que passar para o anonimato, desvinculando-se do discurso-fonte. Nesse caso, haveria coincidência entre os dois processos.

Formalmente, a sequência sobreasseverada⁶ num texto possui características que a aproximam da aforização. A diferença entre ambas é que as aforizações têm como responsável um "hiperenunciador", que se encontra em uma instância anônima. Assim, a aforização institui uma cena de fala em que a instância responsável pela enunciação está em um plano distante do enunciador que a evoca.

2.2.1 Sobreasseveração e pequenas frases

Maingueneau (2006, p. 80) relaciona a sobreasseveração ao fenômeno das "pequenas frases", que ele define como "enunciados curtos que, durante um curto período de tempo, vão ser intensamente retomados nos programas de informação". Tomando como base uma recente publicação da revista *Communication & Langage*, organizada por Krieg-Planque e Olliver-Yaniv (2011), especificamente o capítulo *Les "petites phrases": un objet pour l'analyse des discours politiques et médiatiques*, escrito por Krieg-Planque (2011), podemos afirmar que as pequenas frases possuem vida própria, uma vez que se manifestam nos gêneros, mas são autônomas, não estão presas a eles.

⁶ O termo é por vezes traduzido por *sobreasserida*.

As pequenas frases fazem parte do funcionamento da política e da mídia, uma vez que são enunciados pregnantes e estão presentes com certa regularidade na seleção/destacamento de sobreasseverações dos debates políticos que nos servem de *corpus*. As pequenas frases sobreasseveradas que circulam nesse gênero se manifestam no regime enunciativo textualizante. Em circulação, elas tomam corpo, circulam em posicionamentos e universos diferentes e são, em maior ou menor grau, modificadas para se adequar a uma ou outra cena genérica, um ou outro posicionamento.

As pequenas frases são destinadas à circulação, e frequentemente caracterizam as sobreasseverações, pois são selecionadas para serem repetidas/retomadas numerosas vezes. Como enunciados destacados ou destacáveis, as pequenas frases se submetem aos processos de aforização e sobreasseveração e respondem, cada uma, a seu regime específico enunciativo.

Para que um enunciado seja classificado como pequena frase, deve ainda atender a critérios semânticos/formais, pragmáticos/argumentativos diretamente relacionados com a memória⁷. Os semânticos são os que se apoiam em fenômenos como metáforas, metonímias, sinédoques, alegorias, inversão e outras figuras de pensamento. Já os formais se apoiam em paralelismo, repetição, simetria, ritmo e rima. Essas características são responsáveis por possibilitar uma forma singular à pequena frase, permitindo sua retomada e seu movimento.

Além das figuras retóricas repertoriáveis, uma certa concisão se impõe aos enunciados suscetíveis de ser mobilizados na retomada, levando a questionar tanto o qualificativo “pequena” (do ponto de vista da extensão) quanto a categoria da “frase” (do ponto de vista do tipo de unidade gramatical). (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 36, tradução nossa)

É importante ressaltar que a concisão ou o recorte necessário para que a pequena frase circule e seja retomada não pode ser reduzida a propriedades formais, mas deve apreender também as relações pragmáticas e argumentativas. Essas propriedades revelam o valor ilocutório das pequenas frases, “[...] que confere ao enunciado uma notoriedade como acontecimento ou, pelo menos, como acontecimento potencial, do qual os comentaristas poderiam se apropriar” (KRIEG-PLANQUE, 2011, p. 36) (tradução nossa).

⁷ Memória aqui entendida como característica de possibilidade de retomada e de memorização.

De acordo com Maingueneau (2008a), não é possível definir se essas 'pequenas frases' são assim porque os locutores dos textos de origem as quiseram assim, isto é, destacáveis, destinadas à retomada pelas mídias, ou se são os jornalistas que as dizem dessa forma para legitimar seu dizer.

Os locutores-origem se encontram, assim com muita frequência, na posição de sobreasseveradores de enunciados que não foram formulados como tais nos textos. Produz-se, assim, um desacordo essencial entre o locutor efetivo e esse mesmo locutor considerado como sobreasseverador de um enunciado que foi destacado pela máquina midiática: esse sobreasseverador é produzido pelo próprio trabalho da citação. (p. 84).

Isso não significa que a sobreasseveração seja movida por uma intenção, uma vez que, como já vimos, esses textos são um produto coletivo da maquinaria midiática. Dessa forma, o que Maingueneau chama de "locutor do texto-fonte" é a instância tida como responsável pelo texto. O que importa é que a sobreasseveração está no texto-fonte, marcada como um enunciado destacável, que pode ou não ser destacado (aforizado) de fato.

2.2.2 Sobreasseveração, cenografia e *ethos*

De acordo com Maingueneau (2006, p. 250), a situação de enunciação, também compreendida como situação de comunicação, considera “o processo de comunicação, de certo modo, ‘do exterior’, de um ponto de vista sociológico”. São as condições de produção de um discurso. Em contrapartida, a cena da enunciação considera o processo de comunicação “‘do interior’, mediante a situação que a fala pretende definir, o quadro que ela mostra (no sentido pragmático) no próprio movimento em que se desenrola” (*idem*). Nesse contexto, a cena da enunciação a que Maingueneau (2011b) se refere compreende três cenas de fala distintas, que se complementam:

- i. a “cena englobante”, definida pelo tipo de discurso;
- ii. a “cena genérica”, definida pelo gênero;
- iii. a “cenografia” que legitima o discurso.

A cena englobante atribui ao discurso seu caráter pragmático e corresponde ao tipo de discurso; “é ela quem define a situação dos parceiros em certo quadro espaço-temporal” (MAINGUENEAU, 2011a, p.86). Em relação ao nosso *corpus*, as notícias *online* abrangem as cenas englobantes envoltas no discurso político, à medida que reúne enunciados organizados em torno do debate político-televisivo.

A cena genérica está relacionada com o gênero discursivo, que envolve “[...] um contexto específico: papéis, circunstâncias (em particular, um modo de inscrição no espaço e no tempo), um suporte material, uma finalidade etc.” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 116). Em síntese, as condições de enunciação do debate político-televisivo definem os papéis do moderador, dos atores políticos e do público (o eleitor); as condições de enunciação da notícia *online* definem os papéis do enunciador, do jornalista e de um interlocutor (o leitor da notícia⁸).

Essas duas primeiras cenas compreendem, em muitos casos, o que se entende por cena da enunciação, uma vez que, segundo Maingueneau (2011a, p.87) “definem conjuntamente o que poderia ser chamado de quadro cênico do texto”. É ele que define o espaço estável no interior do qual o enunciado adquire sentido – o espaço do tipo e do gênero de discurso. No entanto, não é com o quadro cênico que compreende as cenas englobante e genérica que o leitor se depara na enunciação, mas com a cenografia, “[...], a qual não é imposta pelo tipo ou pelo gênero de discurso, sendo instituída pelo próprio discurso” (MAINGUENEAU, 2008a, p.116). Dessa forma, é o próprio discurso que impõe uma cenografia, que já se constrói pela busca de convencer seus interlocutores e instituir essa cena de enunciação para se legitimar.

A imbricação entre discurso e enunciação evidencia o que autor (MAINGUENEAU, 2011b) denomina “incorporação”, o momento em que o discurso faz o enunciador encarnar-se, dá-lhe corpo e o coenunciador adere a seu papel na enunciação. Essa dupla incorporação insere enunciador e coenunciador em uma comunidade imaginária que evoca uma certa unidade discursiva e, por sua vez, evidencia um tom por meio de um *ethos* que se constrói e é construído pela cenografia.

Nas palavras de Amossy (2011, p. 16), a noção de *ethos* na análise do discurso de Dominique Maingueneau “[...] desenvolveu-se de forma articulada à cena de enunciação”. Em uma perspectiva discursiva, o *ethos* pensado como imagem nos remeterá a um quadro em que estão postas configurações específicas inscritas em um momento enunciativo específico. Essas configurações em torno desse quadro implicam papéis e um modo de circulação dos enunciados provenientes desse lugar e momento enunciativo.

⁸ A especificidade de cada um dos papéis definidos por esses gêneros será tratada no capítulo 2, que se refere à constituição do nosso *corpus*.

O discurso pressupõe essa cena de enunciação para poder ser enunciado, e, por seu turno, ele deve validá-la por sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desdobramento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente. (MAINGUENEAU, 2011b, p. 75)

A noção de *ethos discursivo*, para Maingueneau, relaciona-se com a cenografia, e com as noções de flexibilidade enunciativa e do corpo enunciante, uma vez que o autor considera insuficiente a noção de *ethos* de perspectiva clássica que se configura em torno de estatuto e papéis⁹. Para o autor, o *ethos* “manifesta também como “voz” e, além disso, como “corpo enunciante”, historicamente especificado e inscrito em uma situação, que sua enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente” (MAINGUENEAU, 2011b, p. 70).

Nesse sentido, Maingueneau (2011b) dá a sua noção de *ethos* uma dimensão discursiva, e não apenas como uma imagem exterior de um enunciador. O *ethos* se desdobra no registro do “mostrado”, eventualmente no do “dito”, e a sua eficácia decorre do envolvimento com a cenografia, com a enunciação, sem que isso seja explicitado no enunciado (MAINGUENEAU, 2011b). Essa visão de *ethos* nos permite evidenciá-lo não só em textos orais, mas também em textos escritos¹⁰, o que nos permite falar em tom. Neste trabalho, a noção de “tom” é de suma importância para pensarmos *ethos* e cenografia no funcionamento da sobreasseveração, pois esses enunciados materializam-se em notícias *online* que se constroem por meio de uma cenografia. Para Amossy (2011, p.16) “[...] se cada tipo de discurso comporta uma distribuição pré-estabelecida de papéis, o locutor pode escolher mais ou menos livremente sua cenografia”.

Nesta, a vocalidade a que Maingueneau (2011b) se refere está relacionada com a determinação do corpo de um enunciador e não efetivamente com o corpo do autor de um discurso, uma confluência indissociável entre tom, caráter e corporalidade¹¹, que recobrem o campo do *ethos* discursivo imanente da cena da enunciação. Isso nos leva a

⁹ Maingueneau propõe o estudo de um *ethos* “escritural” em oposição a um *ethos* “oral” tradicionalmente relacionado a Aristóteles. A diferença está em observar que são dois regimes completamente diferentes, pois “[...] o segundo impõe a fala imediata de um locutor encarnado, enquanto o primeiro exige do leitor um trabalho de elaboração imaginária a partir de indícios textuais diversificados”. (MAINGUENEAU, 2011b, p. 74)

¹⁰ De acordo com Maingueneau (2008b) “O discurso, por mais escrito que seja, tem uma voz própria, mesmo quando a nega”.

¹¹ De acordo com Souza-e-Silva (2012) “tom, caráter e corporalidade provêm de um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas sobre as quais se apoia a enunciação”.

pensar que em um debate político o *ethos* será evidenciado como uma construção dos papéis dos atores políticos envolvidos.

As seleções de enunciados pelos jornalistas representam, dessa forma, um controle do corpo e do caráter de um fiador que se apoia em representações sociais diversas “[...] valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apoia e, por sua vez, contribui para reformar ou transformar” (MAINGUENEAU, 2011b, p. 72). É essa modificação e transposição de uma enunciação a outra que nos chama a atenção, pois “[...] o tom específico que torna possível a vocalidade constitui para nós uma dimensão que faz parte da identidade de um posicionamento discursivo” (p. 72), o que nos permite compreender o discurso como uma configuração sócio-histórica indissociável de seus conteúdos e da sua forma de legitimação em uma cena enunciativa.

3. Análise das sobreasseverações em notícias *online*

A categoria de manobras que nos propomos a observar neste trabalho diz respeito aos relatos de notícias *online* compreende os processos de alterações/modificações realizadas, em maior ou menor grau, tanto no conteúdo textual quanto nos sentidos produzidos por esse processo. Embora nossa opção seja pela categorização, é necessário destacar que uma manobra não exclui a possibilidade da ocorrência de outra ou outras. A separação é puramente metodológica, o que nos permite um aprofundamento de análise no funcionamento da sobreasseveração.

3.1 Mudança de tom

Como vimos, um dos elementos constitutivos do *ethos* discursivo é o tom, que, na notícia *online*, desempenha papel fundamental no direcionamento da cenografia que se quer construir. Em algumas situações, para se adequar ao posicionamento dos veículos de informação, procede-se o apagamento de uma sobreasseveração realizada no calor da revolta, substituindo-a por um relato mais neutro e objetivo, num trabalho de inversão do tom. É o que verificamos em:

DILMA ROUSSEFF: [...] Agora, o que não está certo, por exemplo, é a sua esposa, a dona Mônica Serra, eu vou dizer o que ela falou, ela disse “a Dilma é a favor da morte de criancinhas”, é tão absurda a acusação que mostra a característica desse processo, dessa campanha que é uma campanha contra mim e que usa uma coisa que o Brasil não tem, o ódio. (BAND)

TERRA: A candidata do PT concluiu seu ataque afirmando que esse tipo de tratamento traz para o Brasil algo que não é da característica do brasileiro.

A fala de Dilma se volta contra acusação da esposa de José Serra sobre ela ser “a favor da morte de criancinhas”. Nesse sentido, o tom do discurso da candidata petista é o de vitimização em relação às acusações. Essa afirmação é confirmada quando Dilma atribui àquele discurso o “ódio”. O tom está relacionado com o *ethos* construído no discurso de Dilma. A candidata se vitimiza pelas acusações, relacionando essa cenografia aos ataques frequentes a ela direcionados. A sobreasseveração do TERRA inverte esse tom de vitimização da candidata, dando à notícia um tom de ataque, que inverte também a cenografia.

Não podemos deixar de notar que a fala de Dilma, sob forma de sobreasseveração, acentua que o ódio é uma “coisa que o Brasil não tem”. O site TERRA fala em “algo que não é da característica do brasileiro”. As duas falas se referem à mulher de José Serra, Mônica Serra, que é chilena. Por isso o ódio na fala de Dilma é direcionado a “uma coisa que o Brasil não tem” e que, supostamente, caracterizaria um estrangeiro.

Essa interpretação não está acessível a todos, mas é facilitada pela sobreasseveração do TERRA, que apaga a palavra ódio e a transforma em “tratamento”, dizendo que é algo que não é da característica do brasileiro, o que permite inferir que é da característica de outros povos, podendo-se chegar à conclusão de que a pequena frase “Dilma é favor da morte de criancinhas” só poderia ser proferida por uma estrangeira, a chilena Mônica Serra. Ao dizer que o brasileiro não tem ódio, a candidata contribui para a criação de uma cenografia de vítima e enfatiza um discurso do tipo incontestável, generalizante, sob o ponto de vista de um estereótipo de um povo cordial, que não tem ódio.

Dessa forma, podemos interpretar que existe aqui uma confluência da sobreasseveração com a aforização. A aforização remete à caracterização do brasileiro como o “homem cordial” (HOLANDA, 1995, p. 146). Como “cordial” remete a coração, podemos relacionar essa característica com sentimentos como amor e perdão,

em contraste com os sentimentos de ódio ou de vingança. Dilma Rousseff se apropria desse conceito de cordialidade, direcionando esse sentimento a estrangeiros, como é o caso da esposa de seu adversário. A informação dada pelo site TERRA altera a fala de Dilma, mas facilita a interpretação da definição de ódio, “coisa que o Brasil não tem”.

3.2 Transformação de declaração em interrogação

A transformação de uma frase afirmativa em outra interrogativa também se revela uma manobra que pode incidir em uma sobreasseveração, como vemos em:

DILMA ROUSSEFF: [...] eu sou contra tratar a questão das mulheres, das duas mulheres que morrem por dia ou um dia sim um dia não, por aborto, como uma questão de polícia. **Entre prender e atender, eu fico com atender.** (BAND)

CARTA CAPITAL: “O que vamos fazer com essas mulheres, atender ou prender?”

A fala da candidata é uma pequena frase (uma sobreasseveração, como já vimos) que afirma sua preferência por atender a prender. O discurso revela um tom de assistencialismo e remete a políticas públicas que amparem mulheres que praticaram o aborto. A pequena frase, que já beneficia a circulação desse enunciado, é modificada pela CARTA CAPITAL, que processa uma substituição do discurso afirmativo por um interrogativo. Mas, a sobreasseveração não perde sua força, ao ser transformada em pergunta: “O que devemos fazer com essas mulheres, atender ou prender?”.

Além do efeito de maior adesão, essa pergunta conclama o leitor participar da afirmação de Dilma Rousseff. Esse tipo de pergunta é irrefutável, uma vez que ninguém ousaria optar por prender uma mulher que praticou o aborto e procura ajuda médica. Ao trazer o eleitor para participar dessa escolha, o veículo parece compartilhar da posição da candidata, assumindo a mesma opção dela. Daí decorre uma mudança de sujeito, na alteração da sobreasseveração operada pela CARTA CAPITAL: Dilma, que havia falado em seu próprio nome, passa a ser um dentre todos os interlocutores que devem decidir o que fazer. Essa manobra parece buscar a adesão dos eleitores que, frente a um questionamento como esse, estariam juntos com Dilma, ao mesmo tempo em que funciona como argumentação em relação às críticas levantadas por Serra sobre o aborto. Essa manobra discursiva de coparticipação do eleitor não se processa no exemplo a seguir:

JOSÉ SERRA: Sabe qual seria o Brasil do PT? O Brasil do orelhão, é o que a Dilma e o que seus amigos teriam feito caso tivessem o governo naquela época, porque ninguém teria celular. (BAND)

CARTA CAPITAL: “A era do PT seria a era do orelhão”.

BAND: Para o tucano, sem a privatização da telefonia, o Brasil seria ainda o “país do orelhão”.

Aqui, a questão que José Serra levanta é respondida por ele próprio. Tanto a BAND quanto a CARTA CAPITAL fazem as sobreasseverações sobre essa fala: “A era do PT seria a era do orelhão” e “o Brasil seria ainda o ‘país do orelhão’”. Devido à presença de um “nós inclusivo”, a força pragmática do exemplo anterior é maior que o que ora ocorre, em que há apenas a mudança no tipo de frase. A inclusão do leitor somada ao questionamento promove uma maior adesão.

3.3 Topicalização

A abordagem de uma mesma sobreasseveração pode conter diferentes manobras de funcionamento e a opção por diferenciá-las nesse trabalho é metodológica, pois a separação nos permite um olhar mais aprofundado às manobras diferenciadas. No discurso, essas manobras formam um todo, são inseparáveis.

A mudança de topicalização é uma manobra que propicia a destacabilidade de um termo, dentro de um enunciado, ao colocar em primeiro plano o que é tido como mais importante. Vejamos o exemplo:

DILMA ROUSSEFF: é tão absurda a acusação que mostra a característica desse processo, dessa campanha que é uma campanha contra mim e que usa uma coisa que o Brasil não tem, o **ódio**. (BAND)

CARTA CAPITAL: “**Isso é ódio**, coisa que o Brasil não tem”.

Ao topicalizar o “ódio”, CARTA CAPITAL dá maior ênfase à interpretação sobre essa não ser uma característica do brasileiro, assim como altera o tom do discurso, intensificando-o, uma vez que a palavra ódio por si só já possui força expressiva que, de certa forma, ficou abafada no final do discurso anterior.

Trazê-la para o início é uma manobra discursiva que põe em destaque aquilo que é mais importante, que pode gerar polêmica. Essa posição inicial de “ódio”, também

poderia promover a circulação desse texto como pequena-frase, além de auxiliar na manutenção da cenografia de vitimização criada pelo discurso da revista.

3.4 Produção de pequenas frases

Além do exemplo de pequena frase pronunciada por Dilma sobre o aborto, já comentado, destacamos outras que também pertencem à lógica da sobreasseveração. Nas notícias *online* que analisamos, essas frases estão presentes com certa frequência.

JOSÉ SERRA: Olha é só chegar campanha eleitoral o PT volta sempre com essa história, só que ele é, como se dizia no Chile, como padre Gatica: predica e não pratica. (BAND)

TERRA: "O PT predica, mas não pratica", disse.

O exemplo sintetiza em uma pequena-frase a posição do locutor-fonte. Trata-se, portanto de uma sobreasseveração. A troca da conjunção “e” pela conjunção “mas”, na citação da sobreasseveração não altera o sentido do enunciado, pois as duas relações são de contraste. A expressão “Padre Gatica: predica e não pratica” é originário do Chile, onde José Serra viveu exilado por anos. Esse provérbio é equivalente ao “faça o que eu digo e não o que eu faço” e ao atribuí-lo à adversária, o efeito de sentido produzido é de um tom de falsidade, pois implica que sua fala não seria condizente com as suas atitudes, ela seria contraditória em suas afirmações. A síntese também pode ser observada no exemplo abaixo:

DILMA ROUSSEFF: [...] o professor pra ser valorizado, ele precisa de ganhar bem, e mais, ele precisa de ter formação continuada. Não se pode, também, estabelecer com o professor uma relação de atrito quando o professor pede melhores salários, recebê-los com cassetetes ou interromper o diálogo. O diálogo é fundamental no respeito a essa profissão. (GLOBO)

ÉPOCA: Dilma aproveitou para atacar Serra quando ambos foram questionados sobre educação. Como já havia feito em outros debates, lembrou a relação crítica do governo do PSDB com a categoria, e a repressão às greves. “**Não há diálogo ao se receber professor com cassetete**”.

Esses dois excertos demonstram que tanto os atores políticos quanto a maquinaria discursivo-midiática produzem pequenas frases. Nesses trechos, por meio de um processo de síntese, que envolve alguns conceitos já observados nesse trabalho, uma

pequena frase é produzida pelo site. “Não há diálogo ao se receber professor com cassetete” é uma pequena frase que não foi dita literalmente pela candidata, mas é apresentada entre aspas e atribuída a ela. Ou seja, a revista ÉPOCA atribui a Dilma uma sobreasseveração. É interessante notar que a candidata havia efetivamente produzido uma pequena-frase, não a que o site colocou em circulação, mas outra: "O diálogo é fundamental no respeito a essa profissão". Da comparação entre ambas, concluímos que a sobreasseveração "atribuída" à candidata pela revista é mais enfática que a produzida por ela.

Podemos afirmar que o primeiro exemplo é um caso de aforização (um ditado chileno), um enunciado destacado, autônomo, que é evocado na fala de Serra. Por sua vez, o segundo exemplo é uma sobreasseveração, uma síntese de um posicionamento sob forma de destaque efetuado pelo locutor-fonte (no caso, Dilma), que é alterado (para melhor) pelo site ÉPOCA. Não se trata aí, de um enunciado "destacado", mas "destacável". Como já dissemos, dependendo de sua circulação, um elemento destacável pode tornar-se, posteriormente, destacado, transformando-se em aforização.

4. Considerações finais

Em nossa análise, constatamos a existência de manobras modificadoras de sentido que compreendem processos como: inversão do tom; transformação de declaração em interrogação; topicalização e produção de pequenas frases. A análise mostrou que uma mesma sobreasseveração pode sofrer diferentes manobras de funcionamento, atreladas às coerções da maquinaria discursivo-midiática; a opção por diferenciá-las é puramente metodológica, pois permite um olhar mais aprofundado sobre os processos discursivos aí envolvidos.

No batimento da análise, observamos que os enunciados em destaque fazem parte do mecanismo de uma sofisticada e complexa maquinaria midiática, que produz e põe em circulação notícias *online*. As seleções e torções efetuadas pelos veículos de informação na construção das notícias *online* evidenciam posicionamentos e cumprem uma necessidade pragmático-discursiva de adequação da enunciação à cenografia construída pela notícia e ao ethos do veículo. Acreditamos ter sido possível observar que as manobras discursivas que incidem sobre a construção da notícia *online* re-cenografam os debates político-televisivos.

Referências

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica do *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2011, p. 9-28.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KRIEG-PLANQUE, Alice.; OLLIVER-YANIV, C. Les “Petites Phrases”: un objet pour l’analyse des discours politiques et médiatiques. **Communication & Langages**, Paris, nº 168, juin 2011, p. 23-42.

MAINGUENEAU, Dominique. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

_____. **Discurso Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008a.

_____. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008b.

_____. **Doze conceitos em análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2010.

_____. **Análise de Textos de Comunicação**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

_____. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. Trad. Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2011b, p. 69-92.

POSSENTI, Sírio. Pragmática na Análise do Discurso. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 30, p. 71-84, Jan/Jun, 1996.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. Discursividade e espaço discursivo. In: FIGURO, Roseli (Org.). **Comunicação e análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012, p.99-118.